

A NARRATIVA POÉTICA COMO BASE PARA O ESTUDO COMPARADO: VIRGINIA WOOLF E CLARICE LISPECTOR.

Fani Miranda Tabak

As obras de Virginia Woolf e Clarice Lispector, *To the lighthouse* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, revelam uma construção ficcional muito singular. Partindo de um universo simbólico, onde as imagens freqüentemente substituem as ações, as narrativas tensionam um mundo sensível dentro de uma lógica brutal do cotidiano.

Enquanto a personagem de Virginia Woolf, Mrs. Ramsay, absorve o olhar alheio em meio à sua própria imaginação, a personagem de Clarice, Lóri, busca o possível refletir de sua identidade em diversas imagens simbólicas. As duas narrativas, conduzidas por um narrador aparentemente absoluto, apresentam uma instabilidade em relação à focalização, refletindo uma pluralidade de instâncias. Ao penetrarem na interioridade anímica das personagens, os narradores absorvem-nas com uma sintonia de tal espessura que passam a caminhar sempre ao seu lado. A confusão perceptível entre o pensamento do narrador, o da personagem e das idéias expressas na obra abre ainda uma nova fronteira: a manifestação ou o pensamento de uma terceira voz, um eco que se projeta sobre o drama humano das personagens. Estabelece-se, portanto, uma relação de confluências entre as diversas vozes narrativas. Essa relação dificulta a progressão linear da narração, tornando-a extremamente circular e simbólica. O sentimento predominante nessa pluralidade de instâncias é um sentimento do eu, do subjetivo, do individual. Essa peculiaridade tem um caráter fundamentalmente lírico, pois as perspectivas narrativas nascem da relação de interiorização da ação e da interação de vozes que se projeta em uma persona. A construção dos textos explode também ao lado do impacto de um presente eterno, infinito. A ambigüidade de um mundo que explode no aqui e no agora une inevitavelmente a existência e a linguagem. Os

sentidos do homem passam a ser traduzidos de uma forma imagética e simbólica. O vazio interior, a falta de sentido da existência e a profunda solidão que o ser humano experimenta transformam-se em matéria prima para a ficção. A busca por uma nova vida, por uma nova existência, por uma nova identidade e por uma nova linguagem passa a ser o desejo central do homem. Desejo este que possibilita a transformação de uma realidade imaginariamente construída.

As obras de Virginia Woolf e Clarice Lispector, eminentemente líricas, refletem essas necessidades e essas buscas, transgredindo de forma original os limites convencionais da ficção tradicional.

A manifestação dos elementos poéticos dentro da narrativa aparece sob diversas formas, dentre as quais podemos destacar: a) o uso de uma linguagem polissêmica; b) a plurissignificação; c) o tempo, o espaço e a ação apresentam múltiplos sentidos; d) a narrativa passa a expressar uma metáfora da peregrinação do eu; e) a busca, a revelação está dentro do ser e f) a progressão é comprometida por uma circularidade, por uma repetição da ação.

O uso de uma linguagem polissêmica, ao longo de uma narrativa poética, pode ser compreendido como a manifestação do fantástico tornando-se uma realidade do mundo, possibilitando uma dimensão humana transcendente:

sentou-se para descansar e em breve fazia de conta que ela era uma mulher azul porque o crepúsculo mais tarde talvez fosse azul, faz de conta que fiava com fios de ouro as sensações, faz de conta que a infância era hoje e prateada de brinquedos, faz de conta que uma veia não se abria e faz de conta que dela não estava em silêncio alvíssimo escorrendo sangue escarlate, e que ela não estivesse pálida de morte mas isso fazia de conta que estava mesmo de verdade(...)p.14

Na passagem acima, vislumbramos uma fragmentação imaginária do pensamento. Fragmentação que também explora um sentimento presente, autônomo. Cansada do mundo concreto, que havia sido renunciado nos primeiros parágrafos, a ficção se volta para o surrealismo vivido pela personagem em sua intimidade. A recorrência insistente do faz de conta propicia o início da peregrinação de Lóri dentro de si mesma, buscando sua identidade. Na necessidade de auto-descoberta, o tempo e a ação não conhecem suas fronteiras, pois explodem em meio ao território móvel de uma intimidade.

Em *To the lighthouse*, o narrador, completamente incorporado ao pensamento da personagem (Mrs. Ramsay), passa a observar de dentro dela a manifestação da morte:

It seemed now as if , touched by human penitence and all its toil, divine goodness had parted the curtain and displayed behind it, single, distinct, the hare ærect; the wave falling; the boat rocking, wich, did we deserve them, should be ours always. But alas, divine goodness, twitching the cord, draws the curtain; it does not please him; he covers his treasures in a drench of hail, and so breaks them, so confuses them that it seems impossible that their calm should ever return or that we should ever compose from their fragments a perfect whole in the littered pieces the clear words of truth. For our penitence deserves a glimpse only; our toil respite only.(...)p.144

A personificação da bondade divina, transformada em personagem de ação e revelação, expressa a própria personificação da natureza humana. Esse simbolismo, inerente à toda a narrativa, projeta a penetração que tem o narrador na intimidade de Mrs. Ramsay. A simbologia, presente no trecho, aponta para uma metaforização da própria vida. O narrador, agora espectador de um palco real, passa a palavra `a protagonista. Nesse drama concreto, vivido de forma poética, está toda a sua busca de ser: Quem sou? Para onde vou?

A busca do ser, da identidade, vem permeada por outras questões importantes ao longo das narrativas. Em ambas podemos encontrar o projeto de uma viagem, um deslocamento que acentua a necessidade humana de descobrir: a peregrinação do homem dentro de si mesmo. Ambas as personagens, Lóri e Mrs. Ramsay, vivem essas necessidades através de uma turbulência interior. A ação que protagonizam é metaforizada por uma polivalência de sensações, criando um círculo íntimo entre a ação, o tempo e o espaço. Mesmo diante da presença de um narrador, as narrativas transbordam o sentimento do eu de um poeta. O herói transforma-se em uma combinação entre narrador e personagem e a sua experiência é toda moldada através de imagens. O deslocamento físico do eu é aprofundamento nas zonas internas da imaginação, tornando-se sempre um sentido paralelo. As imagens da realidade construída tornam-se imagens de espelhos paralelos. Lóri tem essa consciência desde o início, enquanto Mrs. Ramsay depende do olhar alheio para refletir-se:

estava na hora de se vestir: olhou-se ao espelho e só era bonita pelo fato de ser uma mulher(...) enfeitar-se era um ritual que a tornava grave: a fazenda já não era um mero tecido, transformava-se em matéria de coisa e era esse estofa que com o seu corpo ela dava corpo(...)

- usaria brincos? Hesitou, pois queria orelhas apenas delicadas e simples, alguma coisa modestamente nua, hesitou mais: riqueza ainda maior seria a de esconder com os cabelos as orelhas de corça e torna-las secretas, mas não resistiu: descobriu-as, esticando os cabelos para trás das orelhas incongruentes e pálidas: rainha egípcia? Não, toda ornada como as mulheres bíblicas, e havia também algo em seus olhos pintados que dizia com melancolia: decifra-me, meu amor, ou serei obrigada a devorar(...)p.16-17

When she looked in the glass and saw her hair grey her cheek sunk, at fifty, she thought, possibly she might have managed things better – her husband; money; his books. But for her own part she would never for a single second regret her decision, evade difficulties, or slur over duties. She was now formidable to behold, and it was only in silence, looking up from their plates, after she had spoken so severely about Charles Tansley, that her daughters, Prue, Nancy, Rose – could sport with infidel ideas which they had brewed for themselves of a life different from hers; (...)p.07

Nas narrativas abordadas, vimos alguns pontos que singularizam o processo de construção ficcional das autoras. Pudemos observar, através de uma discussão comparativa, a proximidade na criação dos fenômenos de um mesmo gênero. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* e *To the lighthouse* não podem ser vistos como romances, pois dificilmente estariam inseridos em uma perspectiva social. Para abordá-los faz-se sempre necessário o uso de um adjetivo, de uma menção especial, algo que esclareça para além de um romance. Ainda que muitos autores reconheçam o retrato de uma sociedade em seus temas ou enredos, as narrativas transformam o mundo numa experiência individual e única de uma pessoa eleita. Nessas obras a realidade nunca é neutralizada, o distanciamento do observador é viagem psíquica da personagem, o homem é um ser subjetivo.

Se atentarmos para o próprio título das narrativas poderemos ter algo sugestivo: a aprendizagem do ser na aventura de sua auto-descoberta e a metáfora da luz, da revelação, da busca por uma verdade própria.

Dessa forma, podemos perceber que a aventura de Clarice e Virginia, através de uma narrativa poética, é a própria aventura humana: conhecer-se. Essa tentativa, inerente ao homem, só poderia ser traduzida pela poesia - espaço e tempo onde o homem é um ser eterno.

Referências bibliográficas

- AUERBACH, E. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- BISHOP, E. *Virginia Woolf*. London/ Hong Kong: Macmillan Modern Novelists, 1992.
- BURGOS, J. *Pour une Poétique de L'Imaginaire*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.
- CAMPBELL, J. *O Herói de mil faces*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.
- DUFFRENNE, M. *O Poético*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- FITZ, Earl E. *O lugar de Clarice Lispector na História da Literatura Ocidental: Uma Avaliação comparativa*. In: “Remate de Males”, Campinas, 1989.
- FREEDMAN, R. *The Lyrical Novel*. New Jersey: Princeton University Press, 1971.
- GUILLÉN, C. *The Challenge of Comparative Literature*. Translated by Cola Franzen. Cambridge, Massachusetts, and London : Harvard University Press, 1993.
- LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- , *A descoberta do mundo#1967-73*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- TADIÉ, JEAN-YVES *Le récit poétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1978.
- WOOLF, V. *To the Lighthouse*. Orlando/ Florida: Hardcourt Brace & Company, 1990.